

Isabel Vaz

Presidente da Comissão
Executiva da Espírito
Santo Saúde

Sem reservas, a face mais conhecida do grupo Espírito Santo Saúde afirma que a reforma nos cuidados de saúde primários ficou «muito aquém do que seria necessário», pois é aqui que reside a chave de um sistema de saúde sustentável. Sem almejar ser ministra da Saúde, porque considera que não tem esse talento político, Isabel Vaz partilha algumas das suas ideias para melhorar o estado da Saúde em Portugal.



«Precisamos
de maior
liberalização ao
nível dos cuidados
de saúde primários»

Texto de Madalena Barbosa

➤ **Como interpreta o crescimento exponencial do sector privado da saúde que se registou nos últimos anos?**

O crescimento das unidades privadas de saúde está intrinsecamente ligado ao crescimento dos seguros de saúde, o que se verifica desde 1995. Este ano, o ramo dos seguros de saúde foi o único que cresceu. Antes, só tinha acesso à medicina privada quem possuía grande poder de compra. Os seguros de saúde, de alguma forma, vieram democratizar o acesso à medicina privada a um custo mais baixo. No entanto, penso que, nos próximos anos, não se verá o crescimento a dois dígitos que se viu no início. O mercado está a atingir estabilidade e, sobretudo, maior sofisticação.

➤ **A adesão crescente aos seguros de saúde estará só relacionada com o facto de as pessoas procurarem mais conforto e sofisticação, ou haverá outros motivos relacionados com a resposta do serviço público de saúde?**

Do ponto de vista assistencial, o Serviço Nacional de Saúde (SNS) fez um percurso extraordinário. Claro que tem problemas de acessibilidade e, nomeadamente, de liberdade de escolha, mas não penso que o SNS tenha vin-

do a piorar a sua qualidade. O que acontece é que a oferta privada existe e as pessoas escolhem sem serem fundamentalistas nas suas opções. Os cidadãos não «diabolizam» ou «endeusam» qualquer um dos sectores, querem simplesmente poder escolher, o que tem a ver com a confiança num determinado médico ou instituição.

➤ **Que desafios enfrenta a relação entre os sectores público e privado de saúde em Portugal?**

Infelizmente, o SNS tem funcionado como uma bandeira política, o que faz com que estejamos a caminhar para uma dicotomia cada vez maior entre o sector público e o sector privado na área da prestação. O desafio será pensar num sistema de financiamento e pagamento de cuidados coerente, que crie os incentivos económicos correctos a uma prestação equitativa e de qualidade e que promova uma maior coordenação entre diferentes níveis de cuidados – primários, hospitalares e continuados – e entre os sectores público e privado.

Somos muito «hospitalocêntricos» e é isso que justifica grande parte dos 25% de desperdício de que se fala no sector da saúde. A falta de coordenação entre os vários níveis de cuidados no SNS e

entre os sectores público e privado terá efeitos devastadores na sustentabilidade do sistema de saúde, num contexto de elevada prevalência de doenças crónicas, de aumento da esperança de vida e de evolução tecnológica. No fundo, trata-se de dar acesso a todos os cidadãos a uma rede mista (pública, privada e social) de prestação de cuidados, eliminando duplas coberturas. Pagar um seguro de saúde, além do que as pessoas já pagaram com os seus impostos, é uma ineficiência grave do ponto de vista macroeconómico.

➤ **O que pensa sobre a polémica à volta da proposta de revisão constitucional no que toca à área da Saúde?**

Custa-me muito ver o SNS a ser tão maltratado pelos políticos. É fundamental ter consciência que Portugal e a Europa atravessam uma grave crise económica e financeira e que o modelo social europeu, tal como o conhecemos hoje, tem de ser repensado. Se queremos continuar a garantir o acesso universal à saúde e que não haja ninguém que não seja tratado por falta de dinheiro, temos de estabelecer novas regras e fazer escolhas.

Em Portugal, apesar da existência de um SNS público e universal,

o financiamento privado de cuidados de saúde representa cerca de 28,5% do total da despesa, ou seja, cerca de 3% do PIB. No actual enquadramento orçamental, é praticamente impossível reverter esta situação, porque não é viável aumentar a despesa pública com a Saúde. Isto quer dizer que, hoje, a Saúde já não é «tendencialmente gratuita», como consagra a actual Constituição, e muito menos o poderá vir a ser no futuro.

É fundamental perceber que corremos o risco de, daqui a 15 ou 20 anos, não haver dinheiro para pagar tudo e há outros encargos sociais que concorrem com a Saúde. Outro aspecto importante é que os cidadãos terão de ser mais responsabilizados pela utilização dos recursos disponíveis. Por exemplo, se é certo que há muitas pessoas que vão à urgência hospitalar porque não têm médico de família, também é verdade que muitas o fazem indevidamente. Ou seja, a liberdade reside em podermos escolher o nosso médico, cumprindo as regras, e não em fazermos aquilo que nos apetece e que custa muito dinheiro a todos.

➤ **Mas o Serviço Nacional de Saúde português oferece condições para que as pessoas não tenham de recorrer tanto às urgências hospitalares?**

Perfil

Os cuidados de saúde primários (CSP) têm de funcionar melhor e com incentivos financeiros adequados. A competitividade no sector da saúde tem de começar na liberdade de escolha de um médico de família por parte dos cidadãos e na possibilidade de mudar, caso não esteja satisfeito. Precisamos de uma reforma dos CSP, que promova uma melhor articulação entre os diferentes níveis de cuidados e de uma definição clara da repartição das responsabilidades assistenciais da Medicina Geral e Familiar (MGF) e dos hospitais.

➔ **Defende maior competitividade ao nível dos cuidados de saúde primários, mas, para isso, seriam necessários mais médicos de família. Como contornar essa carência?**

É preciso redignificar e continuar a incentivar o papel do médico de família que é a chave de um sistema de saúde sustentável. No entanto, os profissionais de MGF também têm muita «culpa no cartório». No dia em que houver liberdade para os cidadãos escolherem o seu médico de família, se este só estiver

Da Engenharia Química para a Gestão

Isabel Vaz é a cara da Espírito Santo Saúde. Traçando o seu percurso profissional, facilmente se percebe porquê. Tinha apenas 33 anos (hoje tem 44) quando foi convidada para encabeçar este importante desafio de criar um grupo privado de saúde. «Quando entrei para a empresa, foi para traçar a estratégia, ou seja, para perceber se fazia sentido entrar nesta área.» Isabel Vaz achou que sim e, passados 10 anos, o crescimento da Espírito Santo Saúde dá-lhe razão.

E que trunfos tinha quando foi escolhida para presidente da Comissão Executiva da Espírito Santo Saúde? Uma licenciatura em Engenharia Química, dois anos de investigação em Bioquímica, um MBA, sete anos de experiência na McKinsey, empresa de consultoria de gestão líder a nível mundial, e, acima de tudo, muita garra, vontade de vencer, capacidade de liderança e uma apaixonada entrega ao trabalho.

«Comecei a empresa de raiz com uma equipa que tive a liberdade de escolher», partilha, com evidente orgulho, Isabel Vaz. Além dessa «felicidade» de criar e ver crescer uma empresa, a engenheira, como muitos a tratam, confessa ter realizado o sonho da sua vida: «Sou filha de um médico. Sempre adorei hospitais e a sua organização era algo que me fascinava, não pela área da Medicina, mas pela gestão. A engenharia dos processos hospitalares é do mais fascinante que há».

Este jeito de ser empreendedor e de total entrega a uma causa corre no sangue de Isabel Vaz e foi-lhe inculcado desde cedo. «O meu pai educou-me para servir os outros, transmitindo-me que, se nós temos talento para alguma coisa, devemos utilizá-lo para o bem. E acredito que temos de trabalhar muito e fazer o melhor que sabemos, tentando aproveitar ao máximo o nosso potencial, seja ele qual for.»

Afinal, saberá esta gestora bem-sucedida qual é o seu talento? «Não sei ao certo. Mas, se me perguntar se terei feito alguma coisa bem, sei que foi ter conseguido transmitir a minha paixão às cinco mil pessoas que trabalham na Espírito Santo Saúde, um projecto que valorizou a iniciativa privada em Portugal.» Então, arriscamo-nos nós a apontar um talento natural de Isabel Vaz – a capacidade de liderança. As suas palavras comprovam-no: «Orgulho-me com o facto de esta empresa ter começado do zero há 10 anos e, hoje, sermos cinco mil a remar para o mesmo lado e a olhar na mesma direcção.»

disponível das 9 às 17 horas no centro de saúde, as pessoas vão escolher outro. É aqui que tem de haver concorrência. Claro que ninguém é obrigado a estar disponível 24 horas por dia, 365 dias por ano, mas é por isso que

devem existir equipas. Pode ter a certeza que a situação estaria muito melhor se houvesse maior participação dos privados ao nível da MGF e uma mudança radical na forma de pagamento destes cuidados: capitações

ajustadas aos riscos das carteiras de doentes complementadas com pagamentos por acto e dependentes da avaliação segundo critérios de qualidade (por exemplo, referência indevida para a urgência hospitalar...). ■

não arranje desculpas

Talvez seja o que o seu doente precisa de ouvir.

40% dos homens com mais de 40 anos podem sofrer de **Disfunção Erétil**.⁽¹⁾

95% dos casos já têm tratamento.⁽²⁾

Juntos, vamos acabar com as desculpas.